

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS**

CATARINA ARETHA ABREU

PRÁTICA ARTÍSTICO-EDUCACIONAL PELO VIÉS ESPACIAL:
Uma análise das aulas de Artes na EMEF Des. Amorim Lima

São Paulo
2023

CATARINA ARETHA ABREU

Prática artístico-educacional pelo viés espacial: Uma análise das aulas de Artes
na EMEF Des. Amorim Lima

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Escola de Comunicações e
Artes da Universidade de São Paulo para
obtenção do título de Licenciado em Artes
Cênicas.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Maria Lucia de
Souza Barros Pupo

São Paulo

2023

CATARINA ARETHA ABREU

PRÁTICA ARTÍSTICO-EDUCACIONAL PELO VIÉS ESPACIAL:

Uma análise das aulas de Artes na EMEF Des. Amorim Lima

Relatório final, apresentado a
Universidade de São Paulo, como parte
das exigências para a obtenção do título
de Licenciado em Artes Cênicas.

São Paulo, 09 de novembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Maria Lucia de Souza Barros Pupo
Universidade de São Paulo – Depto. De Artes Cênicas

Prof^a. Dr^a. Verônica Gonçalves Veloso
Universidade de São Paulo – Depto. De Artes Cênicas

Prof^a. Dr^a. Sumaya Mattar Moraes
Universidade de São Paulo – Depto. De Artes Plásticas

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Projeto Residência Pedagógica, à CAPES, e às coordenadoras do Subprojeto Artes Verônica Veloso e Sumaya Mattar, sem os quais esta pesquisa não teria sido possível.

Ao professor Eymard Ribeiro e à Escola Municipal de Ensino Fundamental Desembargador Amorim Lima, por proporcionarem o ambiente para realização deste estudo e permitirem a exploração individual e em grupo.

Aos companheiros de equipe Ingrid Koritar, Marcelo Ricci e Sofia Kamamoto. A educação que é trabalho árduo e contínuo fica um pouco mais fluida com vocês.

Aos Sextos Anos Azul e Rosa e aos Sétimos Anos Branco e Laranja, turmas para as quais ministrei atividades e que viabilizaram o estudo aqui presente. Apesar de todos os percalços, esta pesquisa jamais seria a mesma sem vocês.

À Maria Lucia Pupo, minha orientadora, pelo amparo, tutoria e torcida.

À Rita de Cássia, pelo apoio infindável, desde sempre.

À todos que, direta ou indiretamente, tornaram possível este trabalho, através de seu apoio e disposição.

Basta considerar o espaço não como simples materialidade, isto é, o domínio da necessidade, mas como teatro obrigatório da ação, isto é, o domínio da liberdade.

(SANTOS, 2013, p.35)

RESUMO

A presente pesquisa investiga como o espaço da Escola Municipal de Ensino Fundamental Desembargador Amorim Lima, pertencente ao Programa Residência Pedagógica no subprojeto de Artes, influencia nas aulas que nela acontecem. Valendo-se de observação de sala de aula e regências individuais e coletivas, esta investigação procura entender como os diferentes ambientes da Escola podem modificar a execução das aulas de Artes e quais aspectos são instigados quando essas aulas ocorrem fora do espaço do Ateliê de Artes, localizando diferenças e semelhanças entre as aulas realizadas dentro dos espaços convencionais e realizadas em espaços distintos destes. A expansão dos espaços que as aulas de Artes podem ocupar dentro da escola se mostra como influência sobre tanto as pesquisas dos docentes quanto o conhecimento que os estudantes podem ter sobre os tópicos e técnicas abordados, tornando o espaço como um ponto a ser levado em consideração no desenvolvimento e planejamento de aulas.

Palavras-Chave: ensino de arte na Educação Básica, espaço, formação de professores, Programa Residência Pedagógica, território de arte

ABSTRACT

The present research investigates how the area of Desembargador Amorim Lima Municipal Elementary School, belonging to the Pedagogical Residency Program in the Arts subproject, influences the classes that take place there. Through classroom observation and individual and group teaching sessions, this research seeks to understand how the different environments of the school can alter the execution of Art classes and which aspects are stimulated when these classes take place outside the Art Studio. It identifies differences and similarities between classes held within conventional spaces and those held in unconventional spaces. The expansion of the areas Art classes can occupy within the school proves to be influential in both the teachers' research and the knowledge that students can have about the topics and techniques covered, making space a point to be taken into consideration in the development and planning of classes.

Keywords: Art classes in Elementary School, space, teacher training, Pedagogical Residency Program, art territory

SUMÁRIO

| | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| 1. PORTÃO DE ENTRADA: Apresentação | 9 |
| 1.1. O Projeto Residência Pedagógica | 12 |
| 1.2. A EMEF Desembargador Amorim Lima | 16 |
| 2. PÁTIO, QUADRA, PISTA DE SKATE: Regências e Análises | 22 |
| 2.1. Regências em Grupo | 25 |
| 2.2. Regências Individuais | 38 |
| 3. ATELIÊ DE ARTES ENQUANTO SALA DOS PROFESSORES: Reflexões e Conclusões | 51 |
| BIBLIOTECA: Referências | 53 |

1. PORTÃO DE ENTRADA: Apresentação

(...) a paisagem é formada pelos fatos do passado e do presente.

(SANTOS, 2020, P.68)

Desço do ponto de ônibus na Avenida Corifeu de Azevedo Marques e logo vejo que a escola ocupa a esquina inteira, mas o portão de entrada é bem mais à frente, longe da avenida. Toda a fachada é laranja, com grafite e pequenos lambe-lambes colados. Se fossem sete horas da manhã ou uma hora da tarde, horários de entrada das crianças, haveria um enorme fluxo de pessoas entrando por um pequeno portão no qual passam apenas um por vez. No entanto, há apenas o som distante das aulas e os sons da avenida. Dentro de mim, o nervosismo transforma tudo em silêncio.

No último semestre de 2019, enquanto me formava Bacharel em Artes Cênicas na Escola Superior de Artes Célia Helena, descobri que me interessava muito mais pela atividade de ensinar e mediar conhecimentos do que pela atuação teatral em si. Um árduo vestibular da FUVEST e quatro anos de curso depois, este Trabalho de Conclusão é a concretização que eu realmente prefiro a regência, seja dentro da escola ou enquanto Diretor teatral.

Quando eu olho para a Escola Municipal de Ensino Fundamental Desembargador Amorim Lima, vejo uma enorme área com um prédio de dois andares perto do portão de entrada – portão, este, que está fechado. Um pouco mais para frente há uma porta com um interfone e é através dela que eu, ou qualquer outra pessoa que entre fora do horário estabelecido como de entrada, posso entrar na escola. Após tocar o interfone e dizer que sou o estagiário de Artes do professor Eymard, há um grande estalo e o portão é destrancado.

As aulas no Ensino Básico são tema de discussão dos cursos de Licenciatura em Artes Cênicas na Universidade de São Paulo, comumente acompanhados de estágios em instituições como Escolas Municipais de Ensino Fundamental (EMEFs), Escolas Estaduais (EEs), ou em projetos como o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) ou o Programa Residência Pedagógica (PRP). Este trabalho se debruça especificamente sobre o PRP de Artes e das aulas de Artes que ocorrem dentro da EMEF Des. Amorim Lima.

Ao longo da minha experiência na Licenciatura, tive experiências de estágio distintas umas das outras (na Escola de Aplicação da Faculdade de Educação da USP e na Escola Municipal de Iniciação Artística de Santo André, por exemplo), mas nunca havia ministrado aulas para a Educação Básica. Quando o PRP é ofertado para os estudantes do meu curso, vejo no meu último ano de graduação a oportunidade de suprir essa falta.

A criação artística é um procedimento que dialoga com a percepção sensível de cada indivíduo envolvido, e o espaço no qual ocorre influencia como estas percepções podem se dar. Uma obra de artes visuais pode sofrer grandes modificações se for realizada em uma área externa com luz natural ou em uma sala fechada sem janelas, uma música soa diferente quando tocada em um banheiro ou em um local isolado acusticamente, a dança e o teatro ganham dimensões diferentes quando realizados em praças públicas ou no Theatro Municipal de São Paulo. O local no qual a obra é concebida e realizada deve ser levado em consideração na sua criação, e o mesmo é válido quando se trata do ensino de Artes.

O espaço é um elemento fundamental no Ensino e elementos de infraestrutura, tanto os mais básicos como os tecnológicos, apresentam-se como fatores de grande influência na Educação no Brasil. Um estudo de Isabel Marri, Julio Racchumi, João Sraiva Filocre e Vanessa Guimarães (MARRI et al, 2012) conclui que há diferenças no desempenho médio de estudantes em escolas de Ensino Básico que possuem ou não abastecimento de água filtrada e luz, acesso à internet, biblioteca ou sala de leitura, esgotamento sanitário e laboratórios de ciência ou informática. Embora o artigo lide apenas com o desempenho em Língua Portuguesa e Matemática, é possível concluir que as aulas de Artes também são impactadas pelo espaço no qual se dão.

Desde minha Iniciação Científica¹, minhas pesquisas têm buscado entender a influência do local no qual a prática artística se realiza em sua elaboração, concretização e recepção. Este trabalho, então, se debruça sobre o PRP de Artes, dentro da EMEF Des. Amorim Lima, com foco nas aulas de Artes, e busca a

¹ ABREU, Catarina Aretha; COSTA, Felisberto Sabino da. THEATER TO POPULAR THE SPACE: a study of the relationship between seahorse and street theater from space. **Arts, Linguistics, Literature And Language Research Journal**, [S.L.], v. 3, n. 4, p. 2-15, 12 maio 2023. Atena Editora Edição de Livros Ltda. <http://dx.doi.org/10.22533/at.ed.929342311055>. Disponível em: <https://atenaeditora.com.br/catalogo/artigo-revista/teatro-para-popular-o-espaco-um-estudo-das-relacoes-entre-o-cavalo-marinho-e-o-teatro-de-rua-a-partir-do-espaco>. Acesso em: 10 out. 2023.

investigação do ensino de Arte dentro de uma escola de Educação Básica e a relação dessas práticas escolares com o espaço no qual ele se dá. Esta conjuntura específica cria experiências únicas, que aqui serão discutidas e analisadas sob o meu ponto de vista, um Licenciando em Artes Cênicas.

O espaço da escola deve existir como um local de discussão, de existência, resistência e re-existência. As manifestações artísticas são intrinsecamente relacionadas com o local onde ocorrem e potencializam a troca que nele se dá, ressignificando os ambientes e os tópicos trabalhados. Estudar a abordagem artística do espaço escolar proporciona a participação mais intensa nele, além de incentivar produções e desenvolvimentos durante e em outros momentos que não os das aulas de Artes.

Além disso, a busca para que a Arte deixe de ser considerada uma matéria que é instrumento lúdico de aprendizado das outras disciplinas “mais importantes” deve permanecer e se afirmar cada vez mais. A escola é onde isso pode se intensificar, oferecendo novos pontos de vista e perspectivas para a criação dentro e fora da sala de aula. A Arte, aqui, é entendida do ponto de vista de um campo de estudos que deve deixar de ser apenas anexo das outras disciplinas, mas sim ser aspecto fundamental na intervenção e constituição do espaço e da experiência escolar de maneira integral.

Cada capítulo possui seu título composto por um lugar significativo da escola para esta pesquisa e uma breve descrição sobre o que o texto irá tratar. Este primeiro capítulo, “PORTÃO DE ENTRADA: Apresentação”, demonstra o percurso inicial até a pesquisa, e seus subcapítulos detalham o Programa Residência Pedagógica e a EMEF Des. Amorim Lima, como forma de entender como chegou-se no presente texto. O segundo capítulo, “PÁTIO, QUADRA, PISTA DE SKATE: Regências e Análises”, trabalha com a descrição e discussão sobre as regências de aulas realizadas, trazendo os objetivos e os percalços encontrados ao longo do caminho. O terceiro capítulo, “ATELIÊ DE ARTES ENQUANTO SALA DOS PROFESSORES: Reflexões e Conclusões”, traz os pontos principais percebidos durante as aulas e aponta futuros caminhos para pesquisas que busquem entender a relação da prática artística com o local no qual se dão. Por fim, as Referências (BIBLIOTECA) agrega as Referências Bibliográficas desta pesquisa.

1.1. O Projeto Residência Pedagógica

(...) a arte não é a produção única e livre do indivíduo, mas sim de um ser cultural que vive de uma determinada forma dentro de limites culturais.

(CABRAL, 2012, p.29)

O Programa Residência Pedagógica (PRP) da CAPES busca fomentar projetos institucionais de Residência Pedagógica que pretendam aprofundar a formação teórico-prática dos licenciandos e contribuir para o aperfeiçoamento da formação inicial dos futuros docentes através do contato com instituições e professores da Educação Básica dentro de um sistema similar ao de estágios. Com a correponsabilidade entre Instituições de Ensino Superior, redes de ensino e escolas proposta pelo Programa, propõe-se uma valorização da experiência da Educação Básica e dos professores nela inseridos para a formação dos licenciandos².

Dentro do PRP são cumpridas vinte e três horas mensais, distribuídas entre observação de sala de aula, leitura de textos, reuniões com os docentes responsáveis e a eventual condução de aulas ou oficinas. Embora alguns processos possam se antecipar e outros possam se estender, a estrutura base do Programa é a seguinte: há o primeiro semestre, composto da observação da escola, para que os estudantes-residentes se familiarizem com o ambiente, as metodologias nele utilizadas e as rotinas; o segundo semestre conta com uma investigação mais aprofundada sobre as possibilidades de intervenção, o que leva ao planejamento de oficinas ou aulas, que serão discutidas e remodeladas de acordo com as indicações do professor Preceptor e de outras figuras da escola; e, finalizando os três semestres do PRP, o último semestre conta com a regência do que foi elaborado no semestre anterior e as consequentes conversas sobre essas realizações.

Existem múltiplos subprojetos em diversas Instituições de Ensino Superior do país e, na Universidade de São Paulo, há o subprojeto de Artes. Tendo se iniciado em outubro de 2022 e com previsão de encerramento em março de 2024, este subprojeto conta com a participação de estudantes de Artes Visuais e Artes Cênicas, seis professores Preceptores e três escolas de Educação Básica. Uma dessas escolas, a

² Informações disponíveis no site do Ministério da Educação, <https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica>. Acesso em 15 de out. 2023.

que interajo de forma direta, é a EMEF Des. Amorim Lima, e é ela a estudada com maior detalhamento ao longo desta pesquisa e descrita com mais detalhes ao longo do próximo subcapítulo.

Mensalmente, são realizadas reuniões que incluem todos os estudantes-residentes, os professores preceptores e as coordenadoras do projeto, buscando uma coletividade enquanto time do Projeto Residência Pedagógica em Artes. Tendo sido realizadas digitalmente em 2022, essas reuniões foram primariamente presenciais em 2023 e proporcionaram um encontro entre residentes, preceptores e coordenadores, todos com suas especificidades e diferentes abordagens. Foram também requisitadas leituras, assim como discussões ocorreram sobre as passagens consideradas mais relevantes pelos residentes e preceptores.

No período de realização desta pesquisa, o grupo da equipe do professor Preceptor Eymard, da qual faço parte, contava com seis estagiários, que se aproximaram enquanto equipe apenas a partir de Março deste ano. Além dos naturais desencontros causados pela ausência de nosso preceptor durante 2022, possuíamos horários distintos de atuação durante a semana. Com a necessidade de elaborar um produto que deveria ser apresentado no Evento de avaliação parcial “Diálogos, perspectivas e possibilidades”³, discutimos uma lista coletiva de princípios (tanto os que são essenciais para nossa atuação como os que não aceitamos existirem em nossa prática), criamos textos que relatam nossa experiência dentro da escola e elaboramos a obra “Arte é Fácil”⁴.

Este Evento e a criação desta obra transformaram um grupo de estagiários que trabalha em horários distintos com turmas diferentes em uma equipe que dialoga, discute e elabora planos de forma coletiva. A partir deste momento, quatro dos seis residentes optaram por acompanhar os Sextos anos Azul e Rosa às sextas-feiras pela manhã, e começa a surgir a proposta de uma regência coletiva – isto é, um projeto

³ O Evento de Avaliação Parcial “Diálogos, perspectivas e possibilidades” busca apresentar rotas e caminhos para o desenvolvimento dos subprojetos PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) e PRP referentes ao período de 2022 a 2024. Composto por duas partes, uma virtual para mostra de produções/produtos (assíncrona) realizados pelos bolsistas e outra presencial (síncrona), houve participação de todos os campi da USP. Essas e outras informações estão disponíveis em: <https://www4.fe.usp.br/eventos/evento?evento=6307>. Acesso em 11 out. 2023.

⁴ ARTE é Fácil. São Paulo: Evento de Avaliação Parcial PIBID e PRP - USP “Diálogos, Perspectivas e Possibilidades”, 2023. Son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WT5poLRQKSk>. Acesso em 15 de out. 2023.

que todos elaborariam em coletivo, porém cujas aulas seriam ministradas individualmente. Essas regências serão exploradas no Capítulo seguinte.

Após as férias de Julho, o retorno das atividades do Programa foi marcado pela substituição de algumas reuniões semanais e a reunião mensal deste mês por reuniões que envolvem as três equipes que se encontram na EMEF Des. Amorim Lima, juntamente com a Docente responsável por estas equipes.

Destas reuniões, foram discutidos diversos tópicos e surgiram muitas questões a serem resolvidas. Um problema que desencadeou o reconhecimento de outros foi o fato de que os Residentes não são reconhecidos como tais na Escola, sendo muitas vezes confundidos com estudantes regulares e tendo que se identificar repetidamente para os outros professores que não seus Preceptores. Isso despertou o grupo para a distância que existe entre o Projeto Residência Pedagógica e a Instituição de Ensino Básico no qual ele ocorre e provocou a discussão sobre qual o lugar que o Projeto ocupa naquele espaço, assim como o debate sobre a Arte e seu ensino dentro desta Escola.

Tivemos, então, a oportunidade de fazer uma reunião com a Diretora e as Coordenadoras Pedagógicas da Escola, contando com um momento expositivo dos integrantes do PRP e um debate sobre como a gestão da Amorim percebe a atuação dos Residentes, assim como os desejos de atividades específicas nas aulas de Artes. Foi exposto, por parte da Direção e Coordenação, a necessidade dos Residentes se envolverem mais no projeto da Escola e nas atividades extracurriculares, assim como formas de expor as realizações feitas durante as aulas dos Preceptores e as regências dos Residentes para os outros estudantes e para a comunidade escolar.

Essa reunião proporcionou uma reorganização no andamento do PRP, desenvolvendo planos que abordassem os temas trazidos pela gestão mas sem sair das propostas já estabelecidas pelas Equipes. As atividades de Artes Visuais, muito enfatizadas pela Diretora, estão sendo expostas nas paredes e corredores da Escola, enquanto alguns grupos se dedicaram a desenvolver pequenas dinâmicas de formação de professores para serem aplicadas aos outros docentes como uma maneira de demonstrar o papel da Arte dentro da Amorim.

Assim, essas reuniões influenciaram de forma significativa no período da regência individual, detalhado no Capítulo 2, não ao ponto de modificarem as ações

previstas, mas adicionando uma nova camada: como é possível, com as atividades propostas, auxiliar no entendimento do papel das aulas de Artes?

1.2. A EMEF Desembargador Amorim Lima

A escola é espaço e lugar. Algo físico, material, mas também uma construção cultural que gera “fluxos energéticos”.

(FRAGO, ESCOLANO, 2001, p.77)

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Desembargador Amorim Lima se encontra na Vila Gomes, muito próxima à USP. Em 2003, a Escola passou por uma reforma e buscou o estabelecimento de relações diretas entre estudantes e docentes, a diferenciação das responsabilidades entre pais e professores, a formação de uma equipe docente comprometida com e disposta a responsabilizar-se com o exercício de sua função, a construção de relações coletivas justas em um espaço público democrático e uma articulação entre teoria, prática e reflexão.

A Amorim possui área enorme, que engloba uma horta, uma quadra coberta, um coreto e uma construção de dois andares numa paleta de cores laranja e verde, com um grande salão em cada andar e salas menores espalhadas. Os corredores são estreitos, mas os espaços entre eles são amplos e convidativos e estão preenchidos de crianças não obstante o horário. São oferecidos projetos e oficinas em horário extracurricular, como capoeira, saraus, shows de talentos, coral e maracatu baque livre.

Os salões citados resultaram desta reforma e abrigam os estudantes quando eles trabalham nos Roteiros – inovação que age enquanto substituto das apostilas tradicionais, buscando uma aprendizagem mais ativa e engajada. Neles, os alunos se distribuem em mesas com quatro pessoas de anos distintos, que estudarão conteúdos distintos e trabalharão em um roteiro de temas completamente diferentes, de forma independente mas permitindo que os mais velhos auxiliem os mais novos.

A proposta da escola é baseada na Escola da Ponte, em São Tomé de Negrelos em Portugal, na qual os estudantes trabalham em grupos de auxílio e ajudam uns aos outros de forma mútua. Não existem provas: ao final do Roteiro, o estudante redige um portfólio que é avaliado e então recebe o roteiro seguinte. As únicas aulas expositivas e que possuem suas salas específicas e exclusivas são as de Matemática, Oficina de Texto (que, ao que tudo indica, acaba por substituir Língua Portuguesa e se aproximar da ideia de Produção Textual ou Escrita Criativa), Inglês, Educação

Física e Artes. Desde o Primeiro ano até o Nono, os estudantes não participam de aulas expositivas de disciplinas como História, Geografia, Filosofia, Biologia, Química, Sociologia ou Física, por exemplo – esses conteúdos são apreendidos através das atividades propostas dentro dos Roteiros.

A Amorim adota um projeto político-pedagógico distinto das demais escolas, que demanda engajamento do educador. Essa modalidade diferenciada de ensino, como todas as demais existentes, traz seus pontos positivos e seus pontos negativos: a concepção curricular baseada na aprendizagem pela pesquisa fomenta a autonomia e responsabilidade nos educandos ao mesmo tempo que tem resultado em alheamento e severas dificuldades de socialização. Como elaborado por Aquino e Sayão (2004, p.29),

(...) o PPP [Projeto Político Pedagógico] da Amorim Lima, do mesmo modo que o de grande parte das escolas brasileiras, figurava emancipador e democrático apenas em suas intenções genéricas. Tratava-se, portanto, de uma peça literária ficcional repleta de palavras de ordem e de uma série de bordões, tais como cidadania, respeito, ética, cooperação, participação, aprendizado, inclusão, que não encontravam eco no cotidiano escolar.

Essas afirmações serão corroboradas pelas informações apresentadas ao longo dos próximos capítulos, visto que as ideias propostas pelo PPP muitas vezes não se mostram consolidadas ou efetivamente postas em prática apesar da reforma já ter se dado há vinte anos. A realização das propostas de independência, diálogo e cooperação previstas não foram encontradas, pelo menos não em minha experiência – o que se encontra, verdadeiramente, são estudantes que desenvolvem individualmente seus roteiros, sem discussão ou debate crítico sobre o que estão fazendo, alheios ao que se apresenta diante deles e, na maior parte dos casos, cedendo uma atenção desproporcional a elementos como o celular.

A estrutura física de escola parece tentar ao máximo refletir as ideias propostas, mesmo que já exista uma certa distância entre o significado que alguns elementos tinham quando foram concebidos e os reflexos que possuem no cotidiano escolar atual. As paredes possuem imagens típicas da cultura popular brasileira, como o Boi presente nas múltiplas manifestações que o envolvem (bumba-meu-boi, boi de

mamão, entre tantos outros). Há grandes janelas e portas que permitem a entrada de muita luz natural, tornando a escola muito iluminada. A maioria das portas dos andares são abertas com um único instrumento, uma espécie de chave sem dentes, como um cilindro de metal que se encaixa no furo da porta e se torna a maçaneta. Todos os banheiros e bebedouros ficam no térreo.

No térreo há também o ateliê, no qual ocorrem as aulas de Artes. Essa disciplina lida, como na maioria das circunstâncias, com todas as linguagens artísticas simultaneamente, sem um professor específico para cada uma delas. O professor Preceptor Eymard, responsável pelo grupo do qual faço parte, possui formação em Artes Visuais – e, portanto, suas aulas são focadas em produções desta linguagem. Enquanto estudante de Artes Cênicas, observei e procurei reconhecer práticas da minha área de estudo nas aulas, assim entender de que maneira posso contribuir para o ensino dos estudantes dos Sextos e Sétimos anos que acompanhei.

Figura 1 – Ateliê de Artes visto da porta que dá para o pátio externo, 19 de maio de 2023.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

O ateliê é uma das salas mais escuras do edifício, apesar de suas cores principais serem laranja e verde como o resto da escola. Inicialmente, possuía apenas mesas redondas com cinco ou seis cadeiras cada uma; ao longo do primeiro semestre

de 2023, estas mesas foram substituídas por mesas longas retangulares, que são reorganizadas sem regularidade e de acordo com a utilização que é demandada da sala, mas que parecem sempre retornar para a posição de duas filas paralelas.

Figura 2 – Ateliê de Artes visto de frente para a porta que dá para o pátio interno, 19 de maio de 2023.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Essa nova organização das mesas parece ter sido preferida pelos professores de Artes de forma geral, visto que permite organizar melhor a sala e os estudantes dentro dela. No entanto, as mesas retangulares demandam grande esforço para serem deslocadas, o que complexifica atividades que utilizam o espaço da sala de forma mais ampla. O ambiente abriga múltiplas estantes e alguns armários, instrumentos musicais que ficam em cima destas estantes e armários, pias em uma das paredes, uma lousa de giz, um projetor e computador – elementos que, além de serem impossíveis de serem movimentados, demandam cuidado e delicadeza.

Além disso, é necessário um questionamento:

Mudar de lugar os objetos e os usuários de uma sala de aula é apenas uma mudança na sala de aula ou nos coloca diante de outra sala de aula? Mudar a disposição dos espaços num edifício ou recinto escolar é uma mudança no edifício ou no recinto ou implica que nos encontramos diante de um edifício ou recinto diferentes? Em tal caso, que é uma sala de aula, que é uma escola,

que é o espaço escolar? O continente ou o conteúdo, os limites físicos ou o lugar construído? (FRAGO, ESCOLANO, 2001, p.136)

Quando as mesas são trocadas ou reorganizadas, ainda falamos do mesmo espaço? Como é possível que este ateliê, que possui duas portas em paredes opostas o transformando em uma espécie de passagem, permita que os estudantes de fato desenvolvam uma relação de pertencimento com ele sendo que parece sempre estar deslocado dos outros ambientes? Frequentemente adultos e crianças atravessam a aula de Artes sem serem do grupo que nela está, o que causa perturbações no correr das atividades e confusão quando não se tem certeza quais os estudantes que pertencem àquela turma. Interrupções são recorrentes e geram desconcentração tanto nas crianças quanto no docente e nos estagiários que acompanham a turma.

Figura 3 – Ateliê de Artes visto do centro da sala com foco na porta que dá para o pátio externo, já com as mesas retangulares, 16 de junho de 2023.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Figura 4 – Ateliê de Artes visto da parede com as janelas laranjas, identificáveis nas Figuras 1 e 2, já com as mesas retangulares, 16 de junho de 2023.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Considerando todos os elementos citados, a atual pesquisa investigou como o espaço da EMEF Des. Amorim Lima, tão complexo e diferenciado de outras instituições de Ensino Básico, influencia nas aulas que nela acontecem, procurando entender como os diferentes ambientes da Escola podem modificar a execução das aulas de Artes e quais aspectos são instigados quando essas aulas ocorrem fora do local habitual, o Ateliê. O próximo capítulo elabora quais as propostas e os objetivos das regências realizadas.

2. PÁTIO, QUADRA, PISTA DE SKATE: Regências e Análises

Em suma, falo de uma escola prazerosa, que estudantes e docentes queiram frequentar e na qual tenham prazer com o que fazem e desenvolvem diariamente. Uma escola cujos membros sintam que ela tem significado para suas vidas e que não existe apenas porque pode lhes ensinar a ler e escrever, dando, pretensamente, condições de ascensão social. Enfim, uma escola que tenha sentido para a construção de personalidades autônomas e para o resgate e valorização da cidadania.

(ARAÚJO, 2002, p.70)

A escolha por iniciar este capítulo com o trecho de Araújo ocorre para reforçar, como já citado anteriormente, a necessidade de que a escola seja um espaço de formação de indivíduos e que as atividades que nela ocorram sejam significativas para seus estudantes. As aulas de Artes não devem ser apenas reprodução mecânica ou criação sem senso crítico, mas devem fomentar uma cultura escolar democrática e colaborar para o desenvolvimento do companheirismo.

Ao longo do período de observação que se deu antes do início propriamente dito desta pesquisa, identificou-se uma “disputa” por espaços às sextas-feiras pela manhã. A impressão que fica é que existem turmas e professores demais para uma escola pequena – informações que não são verdade em nenhum dos aspectos –, com turmas que deveriam ter aula de Artes no Ateliê sendo deslocadas em virtude de outros grupos que “precisam daquela sala”. Esse ponto de vista foi corroborado pelas Rodas, espaços de discussão obrigatórios para todas as turmas e que ocorrem todos os dias em horários distintos para cada uma delas. As turmas acompanhadas às sextas-feiras realizavam a Roda das 9h às 9h30, sendo este horário depois da segunda aula e antes do intervalo. Esse procedimento é sempre complexo, visto que muitos dos professores não possuem formação ou treinamento adequados para realizar a mediação deste tipo de discussão. Juntamente com esta questão, surge mais um problema, que engatilha a atual pesquisa: a utilização do espaço.

No período da realização da roda do Sétimo ano Laranja, turma que acabou de sair da aula de Artes, o Ateliê era utilizado por outra turma, o que causava um

deslocamento obrigatório de todo o grupo para outro espaço – sendo que este era sempre inconstante e inadequado, com estudantes do lado de fora ainda tendo aula, as turmas do Nono Ano ocupando o pátio para a venda de doces que custearão a sua formatura, e um grande fluxo de crianças já no seu horário de intervalo.

Há muitas maneiras de impedir ou de proibir, mesmo sem fazê-lo de forma expressa. Basta que se ocupem todos os espaços e todos os tempos. Um projeto totalitário seria aquele em que os indivíduos, isolados ou em grupo, não dispusessem de espaços ou tempos. De espaços aos quais lhes dessem sentido fazendo deles um lugar. (FRAGO, ESCOLANO, 2001, p.61)

O exemplo da Roda reitera a necessidade da investigação dos espaços da escola, assim como ilustra a demanda do entendimento de como estas atividades ocorrem diferentemente em espaços distintos e após aulas de matérias distintas. Sair de uma aula de Artes para ter uma discussão é diferente de sair do Salão, por exemplo, demandando preparações diferentes e conduções específicas para que o debate é proposto se dê da maneira mais efetiva possível.

A questão proposta dentro desta pesquisa amplia o que foi observado nas Rodas, tratando da identificação e o entendimento das relações que podem ser traçadas entre o espaço da escola e o ensino de arte dentro da EMEF Des. Amorim Lima. Considerando isso, o principal objetivo é localizar as diferenças e semelhanças entre as aulas realizadas dentro do ateliê ou das salas de aula convencionais e as aulas realizadas em espaços distintos destes.

Além disso, considerando as experiências de observação feitas dentro da Amorim antes do início desta investigação, a pesquisa busca o entendimento do lugar da Arte e de seu ensino dentro da escola de Educação Básica. A indagação de pôr quem são determinados e quais são os espaços que as Artes podem ocupar na escola podem contribuir para uma aula de Artes que seja mais ampla e abrangente, contemplando questões da atualidade.

Como mencionado anteriormente, o professor Preceptor com o qual tive vínculo esteve afastado da escola durante o segundo semestre de 2022, assim como muitos membros do corpo docente não compareceram à escola por estarem com COVID-19. A partir disso, identificou-se que os estudantes tiveram as aulas de artes substituídas por outras disciplinas, por espaços vagos ou, em raras instâncias, tiveram uma

professora substituta da disciplina de Artes. Cria-se, desta maneira, uma lacuna não suprida nos processos de criação e na sequência de aulas prevista.

Esse fato torna perceptível a investigação constante do papel do ensino de Artes dentro da EMEF Des. Amorim Lima, e reitera que os residentes dentro desta escola devem reforçar alguns aspectos desta investigação. As atividades aqui apresentadas foram desenvolvidas de forma a reiterar a importância das Artes enquanto um campo de estudos que deve deixar de ser apenas anexo das outras disciplinas, mas sim ser aspecto fundamental na intervenção e constituição do espaço e da experiência escolar de maneira integral.

Este estudo, portanto, pretende identificar como a expansão dos espaços que as aulas de Artes podem ocupar dentro da escola podem ser influências (sejam elas positivas, negativas ou ambas) sobre tanto as pesquisas dos docentes quanto o conhecimento que os estudantes podem ter sobre os tópicos e técnicas abordados. Realizou-se a observação das aulas de Artes conduzidas pelo professor Eymard Ribeiro, com foco nas turmas do Sexto e Sétimo Anos do período da manhã, para que depois ocorressem as regências que serão elaboradas ao longo dos próximos subcapítulos.

2.1. Regências em Grupo

O contar histórias é assim uma reconstrução proposital de eventos tanto pela perspectiva do narrador quanto do investigador ou receptor.

(CABRAL, 2012, p.27)

Durante o primeiro semestre de 2023, quatro dos seis estudantes da equipe de residentes sob supervisão do professor preceptor Eymard escolheram trabalhar juntos. Três dos quatro integrantes deste grupo escolheram acompanhar os Sextos Anos Azul e Rosa e, em consequência da aproximação após o Evento citado, o grupo desenvolveu uma sequência didática destinada para estas turmas, incentivando a autonomia dos alunos com relação ao próprio processo de aprendizado e reiterando a necessidade do reconhecimento do grupo ao qual pertencem para que as atividades escolares sejam realizadas.

Esse projeto surge devido ao grupo de estudantes-residentes perceber uma série de questões sobre como o projeto da escola é entendido e praticado tanto por docentes quanto por discentes, com foco na individualização crescente dos estudantes e sua tendência a realizar as atividades sozinhos ou compartilhar pensamentos e criações apenas com o grupo mais próximo de colegas. Alguns estudantes chegam a se recusarem a participar de atividades em grupo ou a mostrar seus desenhos e discutir questões propostas tanto com professores e estagiários quanto com demais estudantes, demonstrando que a negação não se relaciona com a figura que propõe a atividade mas sim com a proposta de forma geral.

Como ilustração do desenvolvimento do relacionamento entre os estudantes-residentes, trago um pequeno texto de minha autoria, desenvolvido em meio às conversas que ocorreram neste período inicial de desenvolvimento da obra “Arte é Fácil” e das regências coletivas.

entre as coisas que são comuns, eu busco tecer fios.
delicados caminhos que me lembram os trajetos a serem percorridos,
reiteraões do que já foi ou não feito, passagens que eu posso explorar de
um jeito diferente.
sempre surgem problemas – o que eu faço com quem não quer participar da
aula? – e o fio na minha mão fica transparente e fino como uma teia de
aranha.
os que andam junto comigo somam seus fios ao meu – com técnicas, teorias,
sugestões, aprofundamentos, cores, melodias – e me lembram que a
trajetória não é feita solitária.

eventualmente, vamos todos passar por problemas. mas quando for necessário, sou eu que vou somar o meu fio ao dos outros, e a educação que é trabalho árduo e contínuo fica um pouco mais fluida. mesmo que os caminharos sejam por ruas distintas, entre as coisas que são comuns, eu busco tecer fios.

A sequência didática desenvolvida buscou proporcionar aos estudantes oportunidade de investigar o fazer artístico a partir de uma trilha pedagógica que perpassa distintas linguagens artísticas, unidas por um mesmo arco de desenvolvimento, assim como conduzi-los a experimentar processos de criação artística fazendo uso de diferentes dispositivos didáticos. O uso de formas tridimensionais, do desenho, da performance corporal e da narração pretendeu gerar uma reflexão sobre a aula de Artes enquanto um espaço de estudo, assim como desenvolver um senso de escuta e uma consciência de coletividade entre os estudantes.

As cinco aulas desenvolvidas foram pensadas enquanto regências individuais de cada um dos residentes, com um esquema rotativo dos outros residentes fazendo registros visuais e escritos sobre o que ocorresse. As propostas se ativeram às áreas de interesse e especialidade dos estudantes, lidando com as Artes Cênicas (de minha parte) e as Artes Visuais (área de formação dos outros residentes), e inserindo os estudantes em contextos de experimentação distintos aos que estavam sendo feitos pelo professor preceptor.

Essas propostas quebraram a separação entre um espaço “dedicado à mente, ou à aprendizagem dos conteúdos, quando se exige o controle do corpo; e outro dedicado ao corpo, em aulas de educação física ou nos momentos de recreio, quando é permitido o movimento e a ação corporal” (ARAÚJO, 2002, p.17), de forma a assegurar aos estudantes a união entre essas duas dinâmicas dentro da criação artística.

A primeira aula, intitulada Autorretrato, foi constituída de três etapas: na primeira, o residente responsável e os estudantes discutiam os conceitos de representação, abstração e figuratividade. Na seguinte etapa, os alunos eram convidados a construir autorretratos tridimensionais obedecendo a três regras: somente poderiam ser utilizados objetos físicos, cada elaboração teria de usar mais de um objeto, e não poderia ser uma representação figurativa (isto é, não poderiam ser utilizados lápis e canetas para desenharem um rosto). Por fim, cada estudante

apresentou sua criação em trinta segundos para, em seguida, indicar um colega aleatoriamente, que deveria comentar criticamente a criação do primeiro, introduzir sua própria obra e indicar outro colega, repetindo o ciclo até que todos tivessem e recebido críticas. Assim, os estudantes trataram das suas criações ao mesmo tempo que prestavam atenção na criação dos outros.

Figura 5 – Estudantes construindo seus autorretratos, 19 de maio de 2023.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Figura 6 – Estudantes participando do momento coletivo da aula, 19 de maio de 2023.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Esta aula ocorreu no ateliê de artes, e o pouco tempo para realizar a atividade fez com que os alunos se movessem rapidamente em busca de objetos em suas mochilas ou pela escola. A presença das mesas circulares separadas na sala de artes dividiu os estudantes em grupos, e isso gerou criações que compartilharam objetos tanto direta quanto indiretamente – especialmente devido ao pequeno espaço disponível em cada uma das mesas. Muitos utilizaram seus celulares ou o próprio material escolar. Quando foi o momento de comentar tanto a própria criação quanto a do colega, muitos encontraram dificuldades para explicar até mesmo as próprias escolhas, revelando a distância entre a realização da atividade e a consciência sobre o que se faz.

A segunda aula, Cores Desenhadas, e a terceira aula, Cores Corporais, estão diretamente associadas. Ambas trabalharam a experiência de “ser o centro das atenções”, isto é, estar no foco da atenção dos colegas, o que gera consciência das próprias criações e de como cada ação comunica algo para quem a vê. O trabalho com as cores se deu de modo objetivo e relacional, sendo que cada aula lidou, respectivamente, com o desenho das cores e sua representação corporal. Cada estudante recebeu um papel com uma cor, e tinha apenas trinta segundos para

desenhá-la na lousa ou fazê-la utilizando apenas o próprio corpo com a intenção de que os colegas acertassem qual a cor que haviam tirado. As imagens não poderiam se repetir, o que exercita a capacidade criativa e de resolução de problemas, visto que há um aumento gradativo de dificuldade no decorrer da aula.

Figura 7 – Estudante desenhando na lousa, 26 de maio de 2023.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Figura 8 – Estudantes participando do momento coletivo da aula Cores Desenhadas, 26 de maio de 2023.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

A aula de Cores Desenhadas ocorreu em uma sala comumente chamada de “sala vazada”, que existe em um pequeno canto entre o pátio interno e o espaço externo. Há um grande vazamento de som nesta sala, o que gerou dificuldade de concentração no início da primeira aula, quando os estudantes ainda estavam voltando do intervalo. Já Cores Corporais ocorreu no átrio, espaço de transição entre o corredor que abriga as salas do andar térreo e a secretaria. O barulho criado pelos estudantes durante esta aula gerou reclamações por parte dos trabalhadores que estavam na secretaria, o que retoma o questionamento de quais espaços dentro da escola a aula de Artes e os estudantes verdadeiramente podem ocupar.

Os desenhos possibilitaram tatear o que os estudantes entendem como reprodução imagética e símbolos reconhecíveis para que as cores fossem identificadas, visto que os estudantes desenharam personagens de desenhos animados ou filmes que foram facilmente identificados pela turma, mas não pelos residentes. No entanto, notou-se a dificuldade em usar o espaço tridimensional com o corpo – muitas vezes os estudantes tentavam desenhar no ar ou utilizar símbolos (um coração com as mãos, por exemplo) sem de fato explorar a mímica e o espaço cênico.

Figura 9 – Estudante representando a cor “azul” através da fisicalização de um lago, 02 de junho de 2023.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Figura 10 – Estudantes participando do momento coletivo da aula Cores Corporais, 02 de junho de 2023.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

É importante ressaltar que, até onde foi comunicado aos residentes, os estudantes destas turmas nunca entraram em contato com a linguagem teatral ou cênica, com as aulas de Artes possuindo seu foco das Artes Visuais. Esta informação, juntamente com a dificuldade de utilização do corpo para realização das atividades, foi importante para a seleção e desenvolvimento dos exercícios que foram utilizados em minha regência individual.

Após esta sequência que explorou alguns meios de comunicação não verbal – na segunda e na terceira aula, não era permitido falar –, a quarta aula, “Narrativas Desenhadas”, introduz a leitura de imagem como meio de interpretação e criação de narrativas. Os estudantes foram encorajados a utilizar a ferramenta do desenho sem objetivos puramente estéticos e, por meio de desenhos que não partiram de uma proposta em específico mas sim da necessidade de desenhar, criaram uma história. Em pequenos grupos, cada estudante iniciou um desenho em uma folha em branco, que então foi passada para o colega à sua esquerda, e complementou a folha que recebeu. O processo se repetiu até a folha ter passado por um número significativo dos participantes da turma. Em seguida, cada um teve trinta segundos para descrever o que existe em sua folha em tom de quem conta uma história, e os colegas seguintes

complementam essa contação buscando manter uma mínima coerência entre os aspectos apresentados. Dessa maneira, a oralidade é trabalhada como instrumento criativo.

Figura 11 – Estudantes participando do momento coletivo da aula Narrativas Desenhadas, 16 de junho de 2023.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Esta experiência reiterou a necessidade da escuta quando se está em um grupo, dado que a criação de uma história coerente demanda entender o que foi contado antes dela. Esses aspectos foram ressaltados pelo lugar no qual a aula se deu, um espaço comumente chamado de “cozinha experimental” que se encontra no meio da área externa e próximo à horta. Por não possuir paredes, esse local torna a comunicação verbal mais complexa, e a concentração do coletivo nos estudantes que contavam sua história foi fundamental para que ela fosse ouvida da forma mais efetiva possível.

Figura 12 – Estudantes participando do momento coletivo da aula Narrativas Desenhadas, 16 de junho de 2023.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

A última aula desta sequência, “Tridimensionalidade”, buscou promover um espaço comum de convivência com expressões heterogêneas, além de incentivar os estudantes a compreenderem as características plásticas de um objeto tridimensional. Os estudantes foram convidados a moldar objetos ordinários (folhas de papel sulfite) de novas maneiras, seguindo três regras: não ser um objeto figurativo, ou seja, era

necessário criar algo novo, não sendo permitido representar coisas que são vistas no mundo; o papel não podia ser dividido em mais de um pedaço; e, por fim, o papel tinha que ter sofrido no mínimo três e no máximo dez dobras. Após a criação, deveriam fisicalizar sua escultura, usando como dobras as suas próprias articulações. Tais esculturas corporais se juntaram em uma escultura coletiva na qual todos os corpos possuíam pelo menos um ponto de contato com outro. As esculturas de papel foram colocadas coletivamente no espaço no qual se realizou a obra, gerando uma segunda escultura coletiva.

Figura 13 – Estudantes realizando a escultura coletiva, 23 de junho de 2023.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Figura 14 – Momento inicial de apresentação dos materiais, 23 de junho de 2023.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Ocorrendo novamente no átrio, assim como a aula de Cores Corporais, esta regência demonstrou o foco da sequência didática no coletivo e na criação colaborativa. A escultura criada através do contato corporal reitera a necessidade da atenção com o outro, proporcionando a reflexão sobre a ocupação do espaço disponível e quais os pontos de contato possíveis entre os diferentes corpos. Apesar de confusões iniciais em relação à construção da escultura de papel, as turmas realizaram a atividade e demonstraram possuir mais escuta coletiva do que nas aulas anteriores – embora ainda assim estivessem distantes de se ouvirem efetivamente.

Essa sequência buscou dialogar com o programa determinado pelo professor de artes, enfrentar as demandas identificadas no ambiente escolar e em relação ao corpo discente, contribuir para a formação do residente e satisfazer as componentes curriculares do ciclo interdisciplinar. Ao ministrar estas aulas, o grupo proporcionou aos estudantes oportunidade de experimentar processos de criação artística, de forma a refletir sobre o espaço escultórico, o espaço pictórico e o espaço narrativo.

De forma geral, as regências demonstraram que em ambas as salas há um grupo de estudantes engajado e disposto a participar das atividades propostas, enquanto existe um outro grupo que não demonstra interesse e, quando não se

ausenta das aulas, prefere ficar no celular ou conversar entre si. A baixa adesão parece muito recorrente, assim como a dificuldade do trabalho em equipe. A presença dos residentes dentro do contexto desta escola tem gerado movimentos distintos dos normalmente realizados nas aulas de Artes, realizando atividades que demandam maior atenção e coletividade, em oposição às práticas que são realizadas nos outros ambientes da escola, prezando a individualidade e a independência do estudante.

Se, por um lado, os estudantes revelaram-se entusiasmados durante os momentos iniciais das atividades, conforme o tempo de aula passava surgia tamanha dispersão que era quase impossível compreender o que era dito. Ainda que muitos tenham se dedicado às aulas propostas, demonstram também pouco interesse em ouvir ou observar aquilo que os colegas haviam elaborado. Nos momentos de intensa participação e concentração, muitas vezes deram a entender que o faziam, ao menos em parte, movidos por um sentimento de competitividade, como se houvesse um jogo no qual aquele que acerta a resposta ou entrega o trabalho vence. O outro acaba sendo visto não como um colaborador, como a escola prevê e incentiva, mas como um concorrente.

Considerando os pontos aqui apresentados e meus interesses pessoais enquanto Licenciando em Artes Cênicas, a regência individual pretendeu reforçar os tópicos aqui apresentados, prevendo uma continuidade do projeto aqui desenvolvido.

2.2. Regências Individuais

Tempo, espaço e mundo são realidades históricas (...). Em qualquer momento, o ponto de partida é a sociedade humana realizando-se. Essa realização dá-se sobre uma base material: o espaço e seu uso, o tempo e seu uso; a materialidade e suas diversas formas, as ações e suas diversas feições.

(SANTOS, 2013, p.39)

Este conjunto de aulas a serem regidas apenas por mim surge, como elaborado no subcapítulo anterior, do desejo de promover uma introdução às linguagens artísticas existentes ao mesmo tempo em que entenderia a relação dos estudantes com o espaço escolar. Sempre foi levado em conta a disputa por espaços que foi anteriormente citada, assim como a necessidade de trabalhar de diversas formas com a área escolar disponível.

A regência individual contou com quatro planos de aula que seriam aplicados duas vezes cada, com a diferença do ambiente onde ocorrerão: uma mesma aula ocorrerá dentro da sala de aula e, depois, em um ambiente externo. Juntamente com o desejo de entender a relação do espaço com as aulas de Artes, busquei desenvolver um planejamento que envolvesse pelo menos três das quatro linguagens artísticas, como forma de promover uma introdução para as tais – pensamento que surgiu a partir do pouco contato que os estudantes possuem com outras formas de criação que não as Artes Visuais.

No início do segundo semestre letivo, apesar de meu projeto ter sido enviado e aprovado pelo professor Preceptor no final de Junho, recebi a informação de que não seria possível manter a proposta com os Sextos anos Azul e Rosa, interrompendo bruscamente a continuidade prevista. Escolhi trabalhar com os Sétimos anos Branco e Laranja, turmas que acompanhei brevemente no início de 2023, porém com as quais não tive um contato aprofundado.

Inicialmente, o planejamento das aulas seguia a Tabela 1.

Tabela 1. Aulas Previstas e Informações Essenciais

| Aula Prevista | Exercício Principal | Objetivo | Linguagem | Materiais |
|---------------|----------------------------|---------------------------------------------------------------------|-----------------------|------------------------------------------|
| Primeira | Luz e Sombra | Desenvolver a observação do espaço ao redor | Artes Visuais | Canetinhas e giz de cera, folhas sulfite |
| Segunda | Pegando o Ritmo do Outro | Incentivar a escuta de si e do outro, promover a criação corporal | Música, Artes Cênicas | Corpos dos estudantes |
| Terceira | Musicalização de um Quadro | Estimular o trabalho em coletivo, relacionar Artes Visuais e Música | Artes Visuais, Música | Obra de Artes Visuais Impressa |
| Quarta | Quadro Vivo de Memórias | Retomar as criações anteriores, reforçar a escuta do outro | Artes Cênicas | Corpos dos estudantes |

O acordo com o professor Preceptor definiu que as minhas aulas ocorreriam a cada quinze dias (ou “semana sim, semana não”), para que os estudantes não se distanciassem em demasia do projeto por ele proposto. Assim, sempre houve um pequeno espaço para descanso e recapitulação dos pontos positivos e negativos da aula da semana.

O primeiro exercício na sequência proposta pretendeu incentivar nos estudantes a observação do espaço ao seu redor, identificando quais os elementos que os estudantes consideram principais ou mais chamativos dentro do lugar no qual se encontram e como escolhem representá-los a partir da visualização da luz que existe no ambiente e das sombras que os objetos geram.

A aula se inicia com um curto exercício de aquecimento que insere os estudantes numa prática de desenho que evita as comparações de um desenho “bom”

ou “ruim”, mas focando na representação de um objeto (no caso, uma cadeira, escolhida arbitrariamente em meio às que existiam na sala) em um breve período de tempo. A proposta é desenhar um objeto em três posições distintas em uma mesma folha ocupando o máximo de espaço possível em cada uma das imagens, sendo que o objeto está no meio da sala e o estudante não pode se movimentar para vê-lo.

Após esse momento inicial, os estudantes são incentivados a observar o ambiente no qual estão de maneira geral para que, em seguida, escolham e observem um objeto específico dentro deste ambiente. A instrução dada indicou para os estudantes se concentrarem nas diferenças que a luz (tanto natural quanto artificial) gera sobre os objetos. O desenho se compôs em quatro etapas: primeiramente, com uma cor de canetinha ou giz de cera, desenhar apenas o contorno do objeto, isto é, o mínimo possível que ainda assim permita identificar do que se trata; depois, com uma segunda cor, adicionar outros detalhes que considerarem relevantes; com a primeira cor novamente, desenhar a luz (e não a sombra, como comumente é feito) que esse objeto recebe; e, por fim, trocar de lugar no espaço e repetir todo o processo, agora com o objeto visto por outro ângulo.

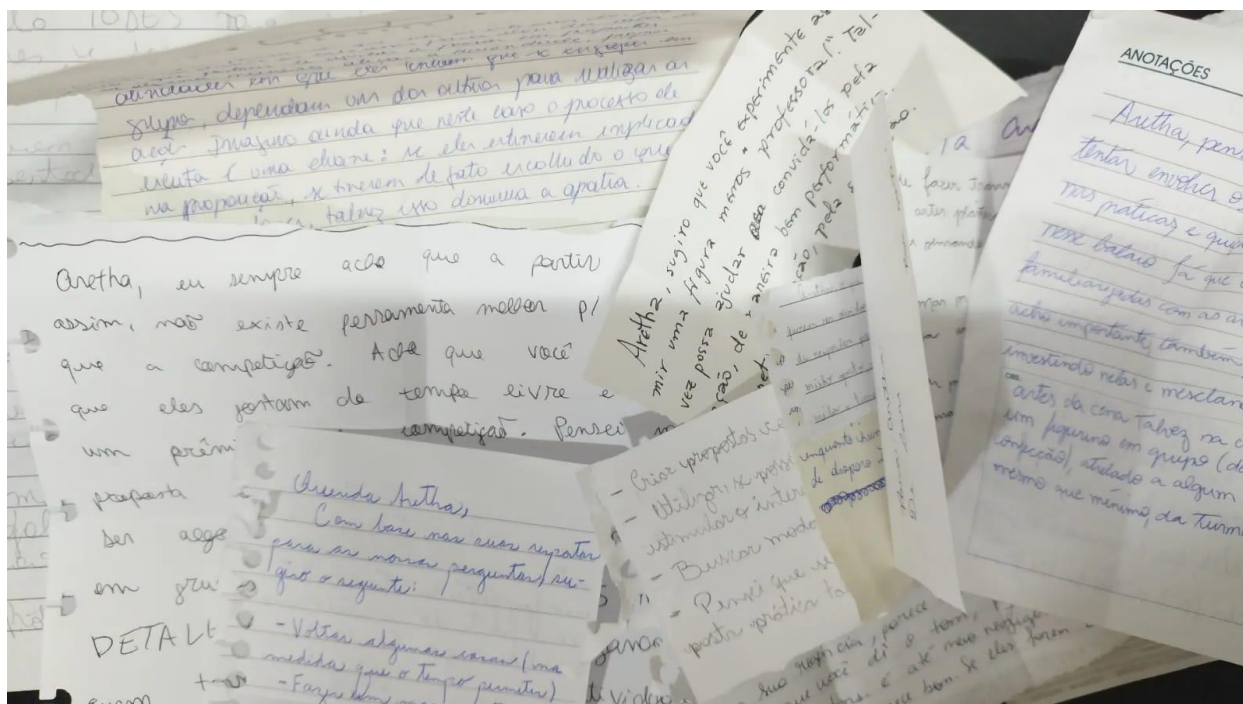
Logo neste momento inicial da regência surgem problemas. O Sétimo ano Branco fez a aula dentro do ateliê e mostrou-se participativo e engajado, realizando as atividades com poucos momentos de reclamação. No entanto, o oposto ocorreu com o Sétimo ano Laranja, que demonstrou relutância extrema desde o instante em que foi mencionado que seria necessário sair do ateliê (apesar de se tratar de um dia ensolarado, não muito quente mas não frio como veio a ser o da segunda aula). Um grande grupo não realizou a atividade, preferindo conversar ou mexer no celular, e alguns estudantes chegaram a rasgar as folhas de sulfite entregues.

Essa aula foi particularmente desesperadora para mim, ao ponto de que fui sequer capaz de tentar realizar registros visuais ou pedir para o professor Preceptor realizá-los por mim. Como superar tamanho percalço? Se em uma atividade que tenho certo domínio sobre não fui capaz de engajar a turma, o que farei nas atividades seguintes, que nunca testei?

Na semana seguinte, expus para minha turma da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso minhas questões. A professora (e orientadora do grupo) propôs uma roda de conversa que buscou lidar com problemas trazidos por mim e outros orientandos através de um momento de exposição das dificuldades seguido dos

outros orientandos escrevendo cartas ou recados que poderiam ajudar no desenvolvimento das próximas aulas de cada um.

Figura 15 – Registro das cartas recebidas.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

As sugestões foram das mais variadas, porém existia uma constante: a necessidade de uma mudança de rota. Os exercícios previstos foram então substituídos por outros que, possivelmente, seriam mais e evocariam uma aprendizagem significativa nos estudantes. A procura pelo entendimento do espaço continua existindo, mas as atividades sobre as quais eu tinha pouco domínio foram removidas, e há um foco maior em aproximar os estudantes da escola e entender suas relações com o local no qual estão.

A reorganização parte da ideia exposta por Harvey de que

Um evento ou uma coisa situada em um ponto no espaço não pode ser compreendido em referência apenas ao que existe somente naquele ponto. Ele depende de tudo o que acontece ao redor dele, do mesmo modo que todos aqueles que entram em uma sala para discutir trazem com eles um vasto espectro de dados da experiência acumulados na sua relação com o mundo. Uma grande variedade de influências diferentes que turbilham sobre o espaço no passado, no presente e no futuro concentram e congelam em

um certo ponto (por exemplo, em uma sala de conferência) para definir a natureza daquele ponto. (2013, p.12-13)

Assim, as aulas foram remodeladas semana a semana, chegando na seguinte configuração, apresentada pela Tabela 2.

Tabela 2. Aulas Previstas e Informações Essenciais

| Aula Realizada | Exercício Principal | Objetivo | Linguagem | Materiais |
|----------------|-------------------------|------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------|--------------------------------------------------|
| Primeira | Luz e Sombra | Desenvolver a observação do espaço ao redor | Artes Visuais | Canetinhas e giz de cera, folhas sulfite |
| Segunda | Cores Desenhadas | Incentivar a escuta de si e do outro, promover a criação corporal | Artes Cênicas | Corpos dos estudantes, papéis com cores escritas |
| Terceira | Molduras | Resgatar a memória do espaço, possibilitar a contação de histórias para os colegas | Artes Cênicas, Fotografia | Moldura de papel, corpos dos estudantes |
| Quarta | Quadro Vivo de Memórias | Retomar as criações anteriores, reforçar a escuta do outro | Artes Cênicas | Corpos dos estudantes |

Como experimentação inicial, optei por retomar o exercício Cores Desenhadas, que havia sido ministrado para os Sextos anos Azul e Rosa. As instruções foram as mesmas, e o engajamento se deu de forma significativa em ambas as turmas. O Sétimo ano Branco realizou a aula no pátio interno, mais silencioso do que o comum devido ao horário – a atividade se deu entre as sete e meia e as oito horas da manhã,

período em que a maioria dos estudantes já estão em suas respectivas salas. Por ser um local de passagem, a integração dos que estavam atrasados foi mais sutil do que no ateliê, e eles puderam entender a dinâmica conforme ela acontecia.

Devido às já mencionadas dificuldades de ocupação do espaço, o Sétimo ano Branco realizou a aula no pátio interno, enquanto o Sétimo ano Laranja permaneceu dentro do ateliê. Talvez por este motivo tenham começado a surgir as diferenças de engajamento – após todos os estudantes da turma Branca corporificarem uma cor, houve diversos pedidos para que mais uma rodada fosse feita. Mais de metade da turma repetiu a atividade, e acredito que alguns teriam participado até uma terceira vez.

Figura 16 – Estudantes participando do momento coletivo da aula Cores Corporais, turma Branca, 01 de setembro de 2023.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

A turma Laranja, no entanto, contava com bem menos estudantes, que estavam extremamente alheios ao que estava sendo indicado. Como não há a prática de realização de chamada ou qualquer verificação de presença, as faltas se tornam uma recorrência e há grande dificuldade em prever com quantas pessoas se pode contar

em cada dia. A atividade prevista se encerrou rapidamente, e foram propostas novas ações em cima da premissa inicial.

Criou-se, a partir de sugestões de uma estudante, um jogo de sortear uma cor e todos terem cinco segundos para tocar em um objeto daquela cor, não podendo repetir o objeto mesmo que a cor fosse repetida. Por fim, os minutos finais foram dedicados a uma rápida rodada de Dança das Cadeiras, da qual nem todos os estudantes participaram mas torciam e vibravam com cada pausa da música. Apesar da suave recusa inicial da turma – aproximadamente um quarto dos estudantes não quis participar da atividade, mesmo com a promessa de uma bala como recompensa –, considero que a aula foi efetiva a partir do momento em que houve sugestões sobre o que poderia ser feito durante a aula.

Figura 17 – Estudantes participando do momento coletivo da aula Cores Corporais, turma Laranja, 01 de setembro de 2023.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

A atividade inicialmente proposta e as corporificações realizadas por ambos os grupos remetem fortemente ao que é discutido por Jacques e Jaudy (2006, p.161), sendo que

O corpo, por mais fisiologia que seja, é fundamentalmente imagem. A cidade, pelos múltiplos dispositivos e condições visuais que apresenta, representa um espaço privilegiado para a construção desse corpo-imagem. Tudo parece ir no sentido da aparência que não se limita necessariamente a uma superfície, mas que pode se exhibir e adquirir sentido em profundidade.

Substituindo a ideia de “cidade” por eles exposta para a de “espaço escolar”, é possível pensar na demanda de garantir para os estudantes um aprofundamento do entendimento do corpo-imagem que possuem, tanto enquanto indivíduos quanto como crianças, moradores de determinado bairro, ou estudantes desta escola específica. Saber quais imagens cada um escolhe para representar uma cor e quais destas imagens são ou não reconhecidas pelos colegas é entender melhor como este corpo-imagem se apresenta para cada um dos que estão naquela turma.

A aula “Molduras” se baseou em exercícios realizados ao longo da Licenciatura, em especial com a professora Verônica Veloso na disciplina Ateliê III. Divididos em pequenos grupos, os estudantes buscaram na escola espaços com os quais possuíam memórias afetivas, tendo que escolher uma destas memórias para compartilhar com o grupo. O local escolhido deveria ser enquadrado com uma pequena moldura de papel, e os colegas que não pertenciam ao grupo deveriam se posicionar no espaço em cada uma das “quinas” da moldura conforme orientação de quem a estivesse segurando, como uma maneira de fisicalizar os limites da visão. Cada enquadramento deveria receber um título e, brevemente, ter este título explicado através da memória que o evocou.

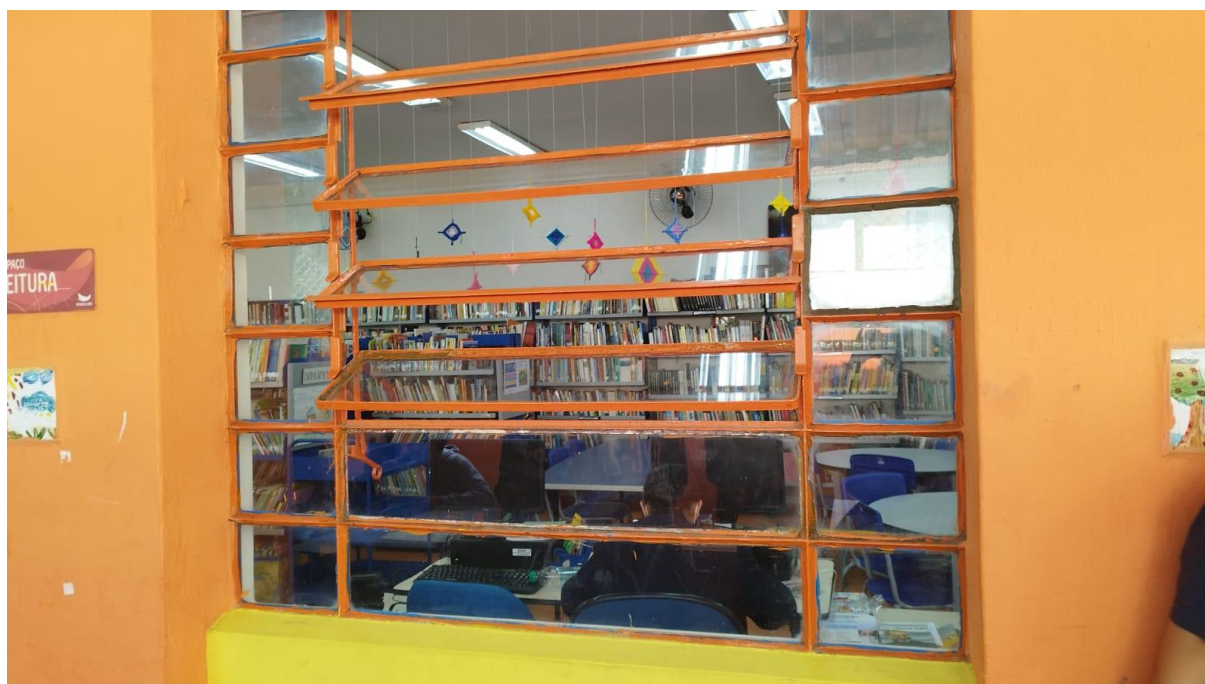
Houve uma instrução fundamental para a realização da atividade. Antes de explicar o que seria feito na aula, disse que as turmas já haviam realizado aulas tanto dentro quanto fora do ateliê, e provoqueei uma tomada de decisão coletiva: se escolhessem trabalhar do lado de fora, não poderiam voltar ao ateliê pelo resto da aula; se optassem pela realização do lado de dentro, ou seja, em toda a área construída, não seria possível realizar a atividade no espaço externo. A decisão foi tomada de forma unânime por ambas as turmas apesar de com certa relutância pelo Sétimo ano Laranja, e ambas as aulas se deram em todo o espaço externo ao ateliê.

Inicialmente, havia uma instrução que indicava que os grupos seriam definidos de maneira aleatória. No entanto, um estudante do Sétimo ano Branco apresentou uma contraproposta: se a intenção era retomar memórias significativas, não seria

melhor juntar estudantes que são amigos próximos e, por consequência, compartilhassem memórias? Assim, haveria mais facilidade em encontrar histórias a serem contadas. Esta sugestão foi aceita de imediato por minha parte, e a turma seguinte recebeu instruções adaptadas para que esta proposta estivesse inclusa desde o início. Este comentário revela engajamento e entendimento das atividades sendo desenvolvidas, o que foi extremamente gratificante.

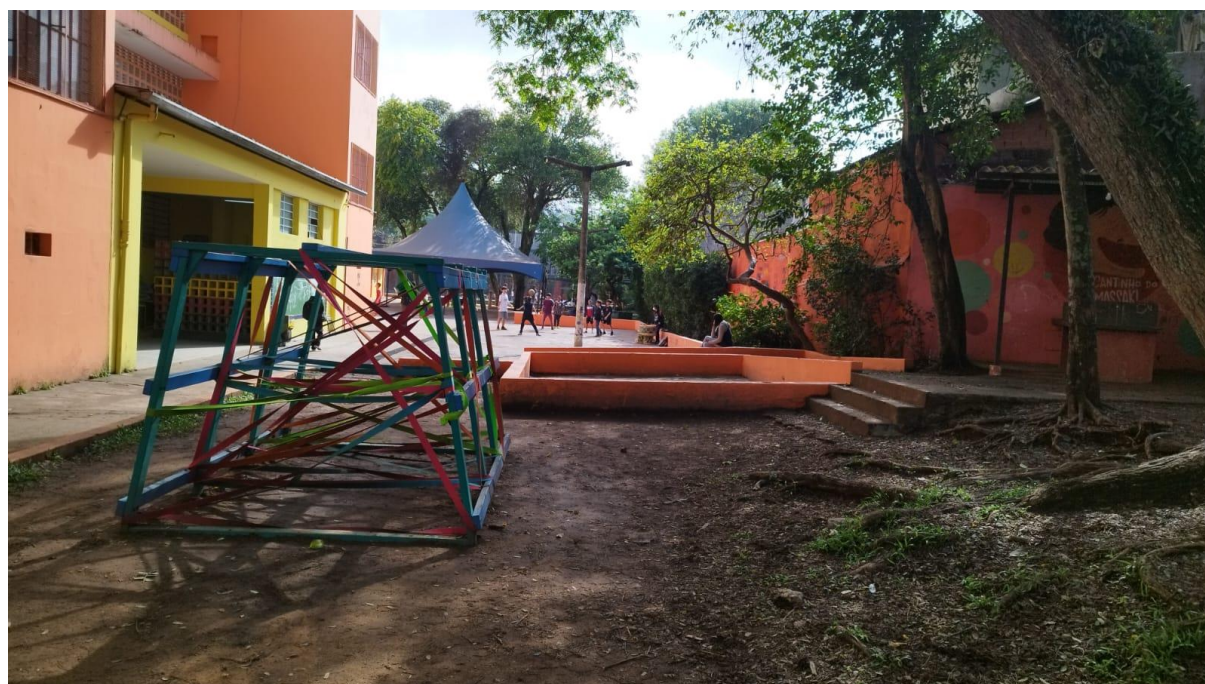
Ambas as turmas realizaram a atividade proposta, com diferentes níveis de engajamento; enquanto a maioria dos estudantes do Sétimo ano Branco desejava contar todas as histórias que possuíam com cada um dos espaços, fosse com o próprio enquadramento ou com o do outro, o Sétimo ano Laranja muitas vezes sequer título deu à sua imagem, tendo que improvisar no momento em que a pergunta era feita. Os locais selecionados variaram, desde a janela da biblioteca (Figura 18) até o pátio visto em sua integridade (Figura 19). A maioria das histórias se relacionaram com brincadeiras que os estudantes participavam quando estavam no Primeiro ou Segundo ano, revelando a longa trajetória que muitos deles estão traçando dentro da Amorim.

Figura 18 – Registro de um dos enquadramentos propostos, intitulado “Grandes Partidas”, 15 de setembro de 2023.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Figura 19 – Registro de um dos enquadramentos propostos, intitulado “Cama de Gato”, 15 de setembro de 2023.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Por fim, chega-se à última aula da regência individual, intitulada Quadro Vivo de Memórias. Este exercício retomou as criações anteriores de maneira corporal, de forma a incentivar a expressão através do corpo e da movimentação. Inspirado em práticas muito recorrentes nas aulas de teatro que já tive, aqui buscou-se uma espécie de avaliação das regências conduzidas, entendendo quais as modificações proporcionadas pelos exercícios que ocorreram com aquela turma.

Figura 20 – Estudantes participando do momento coletivo da aula Quadro Vivo de Memórias, 29 de setembro de 2023.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Inicialmente, os estudantes, em pequenos grupos formados aleatoriamente, retomaram verbalmente o que foi realizado nas aulas de Artes deste semestre, de forma a rememorar os pontos principais. A instrução dada tratava sobre resgatar lugares e lembranças que foram significativos, simbólicos ou marcantes ao longo deste segundo semestre exclusivamente na aula de Artes, indicando que os grupos teriam entre quinze e vinte minutos para elencar uma das memórias citadas e criarem uma imagem dela, como um “Quadro Vivo” no qual todos os integrantes do grupo participam. Cada imagem foi apresentada em seus diferentes espaços e o trajeto de deslocamento entre cada um dos Quadros foi preenchido com comentários e considerações da turma.

Como esperado e perceptível nas aulas anteriores, o Sétimo ano Laranja se mostrou desinteressado e exerceu o mínimo de esforço, com dois dos três grupos permanecendo sentados no ateliê. Essa informação corrobora a ideia já expressa de que as aulas de Artes se encontram extremamente restritas em termos espaciais, ocorrendo em apenas um local e não incentivando a circulação pelos ambientes.

Já o Sétimo ano Branco ocupou espaços como o pátio, a pista de skate que se encontra após a área da Cozinha Experimental e da horta, o campo de futebol aberto e um pequeno coreto – que, por estar em reforma, gerou uma breve frustração nos estudantes, por verem que o espaço que desejavam ocupar não existia da mesma forma que a lembrança que buscavam trazer.

Figura 21 – Estudantes participando do momento coletivo da aula Quadro Vivo de Memórias, 29 de setembro de 2023.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Mesmo com a troca de turmas, a apatia de parte dos estudantes continua presente, e provou-se necessária a descoberta de novas formas de promover o engajamento de alunos que estão acostumados a realizarem atividades de forma individual e em seu próprio ritmo. O estímulo da competitividade enquanto maneira de prestar atenção nas ações do outro tem sido um grande aliado, visto que a maioria

dos estudantes deseja ganhar o jogo (ou seja, realizar a atividade proposta da maneira indicada).

É imprescindível pensar que

(...) mais do que um ser no mundo, o ser humano se tornou uma Presença no mundo, com o mundo e com os outros. Presença que, reconhecendo a outra presença como um “não-eu” se reconhece como “si própria”. Presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz mas também do que sonha, que constata, compara, avalia, valora, que decide, que rompe. E é no domínio da decisão, da avaliação, da liberdade, da ruptura, da opção, que se instaura a necessidade da ética e se impõe a responsabilidade. (FREIRE, 1996, p.10)

Para existir enquanto ser humano, é fundamental possuir ética e responsabilidade. No caso do contexto escolar aqui apresentado, a ética se apresenta através do respeito e atenção com o outro e seu trabalho, assim como com o espaço da Amorim e com o mundo no qual ela está inserida. Não é possível isolar-se em um ateliê e não levar em conta quão fundamental é o reconhecimento do local que se frequenta, especialmente quando se trata de uma matéria coletiva por natureza como as Artes. O sonho, a decisão, a exploração, o reconhecimento de si e do outro deve expandir os limites das salas de aula impostas.

3. ATELIÊ DE ARTES ENQUANTO SALA DOS PROFESSORES: Reflexões e Conclusões

(...) todo espaço é um lugar percebido. A percepção é um processo cultural. Por isso, não percebemos espaços, senão lugares, isso é, espaços elaborados, construídos. Espaços com significados e representações de espaços. Representações de espaço que se visualizam ou contemplam, que se rememoram ou recordam, mas que sempre levam consigo uma interpretação determinada. Uma interpretação que é o resultado não apenas da disposição material de tais espaços, como também de sua dimensão simbólica. Nada é melhor do que falar, nesse caso, no valor didático do símbolo, um aspecto a mais da dimensão educativa do espaço.

(FRAGO, ESCOLANO, 2001, p.78)

Tratar a escola como local de discussão é entender que cada um de seus ambientes está impregnado de memórias particulares e coletivas. As aulas de Artes aqui apresentadas buscaram tanto tratar das memórias que já existem como criar novas, ressignificando os ambientes e os tópicos trabalhados de forma a potencializar as trocas propostas. A abordagem artística do espaço escolar incentiva produções e desenvolvimentos que não ocorreriam se as aulas ficassem restritas a apenas o espaço que lhes foi designado.

Ao longo das aulas ministradas, os estudantes demonstraram maior disponibilidade para a tomada de decisão conjunta e para a ocupação do espaço coletivo, assim como tiveram um aumento em seu engajamento e começaram a entender que, para que todos pudessem realizar as atividades propostas, seria necessário ouvir o outro e respeitá-lo. As turmas começaram a se entender como grupo efetivo, cujo ritmo precisa ser levado em consideração juntamente com as demandas individuais.

As duas sequências de aulas aqui expostas são pequenas, e os efeitos percebidos possuem grandes chances de não se estenderem enquanto forma de pensar o processo educacional em todos os campos da escola e fora dela. Até o momento de escrita e apresentação este trabalho, as aulas de Artes que são

realizadas com estas quatro turmas trabalham projetos pessoais, o que retoma os problemas de individualismo e competição apontados anteriormente.

Apesar de não ter existido tempo ou abrangência suficiente para mudar o entendimento geral dos estudantes em relação à aprendizagem, as vivências propostas proporcionaram maneiras de compreender a aula de artes e a vivência na escola de outras formas, fazendo-os questionarem ou perceberem que existem múltiplas maneiras de ter aula, de produzir Arte em conjunto e de construir conhecimento.

Quando se trata de colocar o Projeto Político-Pedagógico da escola em prática, a autonomia e responsabilidade ensejadas têm de vir de proposições concretas da equipe em si, coordenadas por estratégias pedagógicas capazes de forjar uma cultura escolar democrática efetivamente. Caso contrário, continuaremos encontrando estudantes apáticos e distanciados, que não seguem o projeto da escola por se sentirem deslocados e alheios a ele. Diferentemente do que foi observado, esta pesquisa retoma a necessidade das aulas de Artes serem incluídas nos planejamentos para que contribuam com a sensibilização dos indivíduos e reiterem a necessidade da escuta, da cooperação e da criação coletiva, respeitosa e engajada.

Torna-se necessário expandir os locais que podem ser ocupados, tanto pelas aulas de Artes como por quaisquer outras. Todos os locais, como dito por Frago e Escolano na epígrafe deste subcapítulo, devem ser elaborados para serem percebidos, e carregam consigo uma dimensão simbólica a partir de cada objeto, indivíduo e função que neles existem. Realizar atividades educativas que levam em conta o peso fundamental que o espaço tem em sua realização é contar com um inúmeras características já existentes que muitas vezes são ignoradas.

Como finalização, é importante reiterar que o estudo de caso aqui apresentado trata de relações específicas entre as práticas pedagógicas nas aulas de Artes e o espaço no qual se realizam, um campo ainda em desenvolvimento e que demanda estudo constante. Com este tema sendo cada vez mais discutido e trabalhado, torna-se possível encontrar novas maneiras de trabalhar as aulas – não apenas de Artes, mas também das outras disciplinas.

BIBLIOTECA: Referências

- ARAÚJO, Ulisses Ferreira de. **A construção de escolas democráticas: histórias sobre complexidade, mudanças e resistências**. São Paulo: Moderna, 2002.
- ARTE é Fácil. São Paulo: Evento de Avaliação Parcial PIBID e PRP - USP "Diálogos, Perspectivas e Possibilidades", 2023. Son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WT5poLRQKSk>. Acesso em 15 de out. 2023.
- AQUINO, Julio Groppa; SAYÃO, Rosely. Da Construção De Uma Escola Democrática: A Experiência da EMEF Amorim Lima. **Eccos Revista Científica**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 15-37, dez. 2004. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/378>. Acesso em 15 de out. 2023.
- CABRAL, Beatriz Ângela. **Teatro em Trânsito**. A pedagogia das interações no espaço da cidade. São Paulo: Hucitec, 2012.
- DE CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**: Artes de fazer. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- FRAGO, Antonio Viñao, ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HARVEY, David. O espaço como palavra-chave. **GEOgraphia**, v. 14, n. 28, p. 8-39, 29 abr. 2013. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13641/8841>. Acesso em 15 de out. 2023.
- hooks, bell. Educação Democrática. In: CÁSSIO, Fernando (org.). **Educação contra a barbárie**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019. p. 199-207.
- JEUDY, Henri Pierre; JACQUES, Paola Berenstein (org.). **CORPOS E CENÁRIOS URBANOS**: Territórios urbanos e políticas culturais. Salvador: EDUFBA, 2006. 182 p. Disponível em: <http://www.laboratoriourbano.ufba.br/arquivos/arquivo-12.pdf>. Acesso em 15 de out. 2023.
- LÉVY, Jacques; LUSSAULT, Michel. Espaço. In: LÉVY, Jacques; LUSSAULT, Michel. **Dictionnaire de la Géographie et de l'espace des sociétés**. Paris: Belin, 2003. p. 325-333. Tradução de trabalho feita por Mônica Balestrin Nunes, com revisão feita por Jaime Oliva.
- MARRI, Izabel et al. Infraestrutura escolar e desempenho educacional em Minas Gerais: possíveis associações. In: **ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS**, 28., 2012, Águas de Lindoia. Anais... Águas de Lindoia, SP: Abep, 2012. Disponível em: <https://docplayer.com.br/54964746-Infraestrutura-escolar-e-desempenho-educacional-em-minas-gerais-possiveis-associacoes-1-izabel-marri-2.html>. Acesso em: 15 de out. 2023.
- MORAIS, Regis de (org.). **Sala de aula. Que espaço é esse?** Campinas: Papirus; 1986. 136p.
- PROJETO Político Pedagógico. Disponível em: <https://amorimlima.org.br/institucional/projeto-politico-pedagogico/>. Acesso em 15 de out. 2023.
- RYNGAERT, Jean-Pierre. **Jogar, representar**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- _____. O jogo dramático no meio escolar. Coimbra: Centelha, 1981.
- SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo**. São Paulo: EDUSP, 2013.
- _____. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: EDUSP, 2020.

- _____. **Espaço e Método**. São Paulo: EDUSP, 2020.
- TELLES, Narciso e FLORENTINO, Adilson (orgs.). **Cartografias do ensino do teatro**. Uberlândia: EDUFU, 2009.
- TUAN, Yu-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.